

Arte & Literatura – Resenha

A Exceção. Christian Jungersen. RJ, Intrínseca, 2008

A *Exceção* é um best seller do escritor dinamarquês Christian Jungersen já publicado em 17 países. Escrito em 2004, foi traduzido no Brasil em 2008 a partir da edição inglesa. Sua narrativa envolvente é construída por dois eixos de grande originalidade. Em primeiro lugar, retrata ao mesmo tempo um tema de proporções trágicas e universais (o genocídio em várias partes do mundo) e o cotidiano burocrático de quatro mulheres que dividem o espaço de um escritório. Entre mesas repletas de papéis, ao som de teclados, telefones, cheiro de café, as quatro mulheres desenvolvem uma trama alimentada pela inveja, intriga e armações de todo tipo. É justamente o escritório de uma agência de investigação e documentação de casos de genocídio.

O segundo eixo narrativo é dado pela inserção de textos acadêmicos ao longo das brigas e desavenças entre as meninas, que lutam para provar as artimanhas das colegas ao patrão, Paul, que se isola no gabinete da diretoria daquela agência. Os textos produzidos ou pesquisados pelas funcionárias aparecem na tela de seus computadores e notebooks e também ficam disponibilizados ao leitor. Neles podemos acompanhar as investigações sobre o massacre de croatas pelos sérvios, dos armênios pelos turcos, de tribos africanas do Quênia, dos judeus pelos nazistas e destes pelos soviéticos, ao final da Guerra.

O Parlamento dinamarquês está prestes a debater o complexo tema da admissão da Turquia na União Européia, mas o genocídio armênio é um problema que as autoridades turcas não querem nem mencionar, nem assumir, muito menos debater. Especialistas, jornalistas e políticos de toda a Europa telefonam para a agência de Paul para recolher informações. Mas a agência corre riscos permanentes em sua autonomia financeira e busca o apoio dos partidos conservadores da Dinamarca, mais atentos a crimes cometidos por islâmicos, do que por turcos. A Europa vira-se cada vez mais contra os adeptos de Alá, em número crescente na população do continente.

A trama política do presente é mesclada à desconfiança entre as funcionárias, pois duas delas receberam e-mails anônimos, ameaçando-as de morte. A desconfiança recai inicialmente sobre líderes sérvios refugiados na Dinamarca, mas desloca-se aos poucos para as próprias companheiras de trabalho. A autoria das mensagens ameaçadoras só será revelada nas páginas finais, enquanto se acirra o clima conflituoso, em meio a explosões de raiva, acusações e negações. O que no início parece apenas a formação estressante de alianças de escritório, “panelinhas”, ganha aos poucos a gravidade de um assédio moral para logo atingir o clímax de uma perseguição policial.

O leitor então se depara com a desconcertante realidade humana, dividida entre um mundo de pequenas (mas insuportáveis) rugas do dia-a-dia e um outro mundo, feito de desastres dantescos, que na somatória já vitimaram mais do que as duas guerras mundiais juntas.

O mais incrível nesta narrativa única é a construção de uma ponte entre estes dois mundos. Os textos (aqueles que os leitores podem acessar a partir das telas das meninas) versam, quase sempre, sobre o comportamento do homem comum na prática do extermínio e do genocídio. Uma série de artigos, intitulada a Psicologia do Mal, explora o universo de valores da mente dos assassinos. Soldados nazistas que matam pela manhã e voltam para suas famílias à noite. Cruéis assassinos sérvios que, em tempos de paz, são pacatos profissionais, como um apaixonado professor de literatura que, além de ser o amante carinhoso e irresistível de uma das funcionárias, é ótimo cozinheiro.

Não é a obediência à hierarquia o motor do comportamento, dizem os textos acadêmicos, mas o sentido gregário do homem, a necessidade de pertencimento a um grupo, a camaradagem com os demais. O comportamento coletivo é marcado pela construção constante de fronteiras entre um “nós” e um “eles”, sempre homogeneizados, seja pelo vestuário do prisioneiro, seja pelas qualidades humanas que são negadas ao inimigo. Chegamos assim a uma triste e surpreendente revelação: no genocídio ou no escritório há um paciente trabalho de desconstrução do semelhante, um ataque cotidiano que cimenta a unidade dos agressores (na matança ou no assédio moral).

Aqui cabe uma pequena e oportuna contribuição da psicanálise à psicologia social praticada no romance. Embora este não faça menção alguma a Freud, nem mesmo naqueles textos acadêmicos, há uma conexão psíquica entre os grandes dramas da humanidade e os míseros desentendimentos do dia-a-dia. Na célebre obra *O mal-estar da civilização*, Freud explora a articulação entre o bem e o mal, a vida civilizada e a agressividade que nela se encontra:

“A civilização tem que recorrer a tudo para pôr limites aos instintos agressivos do homem, para manter em xeque suas manifestações, através de formações psíquicas reativas. Daí portanto o uso de métodos que devem instigar as pessoas a estabelecer identificações e relações amorosas inibidas em sua meta, daí as restrições a vida sexual e também o mandamento ideal de amor ao próximo como a si mesmo, que verdadeiramente se justifica pelo fato de nada ser mais contrário à natureza humana original. Com todas as suas lidas, esse empenho da civilização não alcançou muito até agora. Ela espera prevenir os excessos mais grosseiros da violência, conferindo a si mesma o direito de praticar a violência contra os infratores, mas a lei não tem como abarcar as expressões mais cautelosas e sutis da agressividade humana. Cada um de nós vive o momento em que deixa de lado, como ilusões, as esperanças que na juventude depositava nos semelhantes e aprende o quanto a vida pode lhe ser dificultada e atormentada por sua malevolência” (Freud, *O mal-estar na civilização*, Cia das Letras, 2010, página 78)

Todos nós já vivenciamos, na família ou no trabalho, na escola ou no escritório, esta desgastante situação em que somos o alvo destas “expressões mais cautelosas e sutis da agressividade humana”. Inveja, intriga e armações de todo tipo podem “dificultar e atormentar” a nossa vida. E de fato, talvez o leitor possa concordar, há uma sutil sincronia entre a unidade dos que estão dentro do grupo dominante e a agressão, exclusão ou hostilidade para com aqueles que estão fora de um tal grupo.

“Não é de menosprezar – continua Freud - a vantagem que tem um grupamento cultural menor, de permitir ao instinto um escape, através da hostilização dos que não pertencem a ele. Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade. Certa vez discuti o fenômeno de justamente comunidades vizinhas, e também próximas em outros aspectos, andarem às turras e zombarem uma da outra, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do norte e os do sul, os ingleses e os escoceses etc. Dei a isso o nome de "narcisismo das pequenas diferenças", que não chega a contribuir muito para seu esclarecimento. Percebe-se nele uma cômoda e relativamente inócua satisfação da agressividade, através da qual é facilitada a coesão entre os membros da comunidade” (Op cit, pagina 80)

Alguém que já tenha observado como se formam e se digladiam as turminhas de uma mesma sala de aula, as patotas de um clube recreativo, poderia acompanhar este raciocínio de Freud. Fica ainda mais evidente a construção perseverante entre um “nós” em oposição a um “eles” nas rivalidades das torcidas organizadas e na hostilidade entre as diversas confissões religiosas.

A mesma operação psicológica está presente, segundo Freud, nas históricas perseguições raciais e religiosas da humanidade.

“O povo judeu, espalhado em toda parte, conquistou desse modo louváveis méritos junto às culturas dos povos que o hospedaram. Infelizmente, todos os massacres de judeus durante a Idade Média não bastaram para tornar a época mais pacífica e segura para seus camaradas cristãos. Depois que o apóstolo Paulo fez do amor universal aos homens o fundamento de sua congregação, a intolerância extrema do cristianismo ante os que permaneceram de fora tornou-se uma consequência inevitável. Os romanos, cuja organização estatal não se baseava no amor, desconheciam a intolerância religiosa, apesar de entre eles a religião ser assunto de Estado e o Estado ser permeado de religião. Tampouco foi um acaso incompreensível que o sonho de um domínio mundial germânico evocasse o antissemitismo para seu complemento, e podemos entender que a tentativa de instaurar na Rússia uma nova civilização comunista encontre seu apoio psicológico na perseguição à burguesia. Só nos perguntamos, preocupados, o que farão os soviets após liquidarem a burguesia” (Op cit, página 81)

Agora compreendemos porque Jesus insistiu em substituir toda a miríade de mandamentos e prescrições morais dos fariseus pelo único mandamento do amor ao próximo. Ainda que pareça irracional, isto é, completamente avesso à essência humana, como argumenta Freud, a diretiva de Cristo parece mesmo um aviso, uma regra que, embora inatingível, existe para bloquear a tendência natural de amar odiando, acolher desprezando, construir destruindo. Freud era ateu, mas Cristo, onisciente, o mesmo ontem, hoje e sempre, era freudiano.

Deixo ao leitor uma última consideração. A razão de ser do título – *A Exceção* - só me ocorreu nas páginas finais deste romance, mas talvez esta breve e provocativa resenha possa dar uma pista.

João Pedro Ricaldes dos Santos – novembro de 2011